ERÓES, SANTOS E MÁRTIRES DA PÁTRIA

4

AINHA SANTA ISABEL

ROCHA MARTINS

COLEÇÃO HISTÓRIA

٢٠١٩

Reg. 201
N.F. 18587
L. 11944

ROCHA MARTINS
DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS

HERÓIS, SANTOS E MÁRTIRES DA PÁTRIA

RAINHA SANTA ISABEL

CAPA ILUSTRADA POR
ALBERTO DE SOUSA

COLECÇÃO «HISTÓRIA»
— RUA DO ALECRIM, 61 —
LISBOA
EDIÇÃO DO AUTOR

Os Grandes Amores de Portugal

TITULOS DOS CAPÍTULOS:

I. — Linda Inês.
II. — Desvario de Rainha.
III. — Flôr de Altura.
IV. — A Amada do Camareiro.
V. — O Drama de Vila Viçosa.
VI. — Relicário de Paixão.
VII. — «Senhora de Bem Fazer».
VIII. — Sóror Mariana.
IX. — Sombra de Rei.
X. — Madre Paula.
XI. — Dona Flôr da Murta.
XII. — O Bichinho de Conta.

Heróis, Santos e Mártires da Pátria

TITULOS DOS CAPÍTULOS:

I. — Rainha Santa.
II. — O Condestável.
III. — Os Dôse de Inglaterra.
IV. — O Vèdor de Sagres.
V. — Infante Santo.
VI. — Cavaleiro da Morte.
VII. — O Decepado.
VIII. — A princesa Santa Joana.
IX. — Vasco da Gama.
X. — O Grã-capitão.
XI. — Camões.
XII. — O Fantasma de D. Sebastião.

Comp. e impr. na
Rua do Alecrim, 61
LISBOA

PRIMEIRO QUADRO

OS AMORES DE D. DINIS

ERA ainda menina de dez anos a esbelta D. Isabel de Aragão quando viera para Portugal, a casar-se com el-rei D. Dinis na igreja de S. Bartolomeu da vila de Trancoso. O marido, poeta, à maneira dos trovadores provençais, educado em distinções e altos vôos de sapiência pelo bispo francês e erudito Aymeric d'Ebrarad, vira-a como um mimo, quizera-lhe logo com simpatia de alma, menos de espôso, porque ela ainda não estava núbil, que de enternecido apreciador de suas gentilezas e graças. Acrescentara-lhe ao pingue dote de três vilas — Óbidos, Abrantes e Porto de Moz — mais a do feudo onde se matrimoniara e, depois do descanso das festas das bodas, passara à Guarda, logo a Viseu, por fim a Coimbra, entre pompas e delírios dos povos extasiados ante a infância gentil e coroada que lhes davam por soberana. Corridos meses vinham avisá-la de que o rei tinha amantes. Aos seus vinte e um anos de fantasioso, amigo das letras e das artes, ungido pela magía poética, não bastava a criança formosa e duma ingenuidade arcangélica lançada para os seus braços; e, ligado a uma D. Aldonça Rodrigues, que devia ter encan-

tos sabedores, andava o monarca estonteado e bem prêso.

Na recâmara real, a rainha, pequenina, rodeada pelas aias, que trouxera, D. Brites de Cardona, D. Maria Coronel e D. Betaça, linda, do sangue dos imperadores da Grécia, não se ruborisava por ignorante do que seriam tais amores, longe da graça de Deus, e, de olhos baixos sôbre os panos finíssimos ou deitados para a estopa grosseira, ia cosendo, com seus dedinhos rosados, as toalhas do altar ou as vestes da pobreza.

Tal era o seu passatempo na côrte com suas damas de Aragão e com as portuguesas ligadas a seu serviço e também o de levar seus socorros aos necessitados. Prendia-se numa grande fé e praticava-a de tal maneira que, de joelhos, no decurso das quaresmas, lavava os pés a treze pobres dos mais chagados, preferindo os leprosos, dos quais todos fugiam. E, dando-lhes de comer, agasalhando-os em roupas, escutava de seus lábios os dramas de suas desditas de pedintes e de gafos. Chegara a aparecer-lhe uma mendiga com um cancro mal cheiroso num pé; as camareiras, ao trazerem a água para a ablução, viraram os rostos, enojadas pelo cheiro das matérias apodrecidas, gangrenadas; ela, porém, na mesma humildade de sempre, lavou-lhe a funda ferida, tocou-a em suas mãos, limpou-a com a suavidade fresca do linho e, como se tivesse na sua frente, em vez duma úlcera alguma rosa, curvou-se e beijou-a, ante as lágrimas da condenada e o pasmo das damas e dos gentis-homens. O grave mestre Pedro, seu chanceler, sentira-se turbado e encontrara os olhos aguados de Estevão Gonçalves, guer-

reiro de fama, alçado a mestre de cavalaria da Ordem de Cristo e o pranto sem continência de Pedro Martins, filho da ama da soberana e que brincara desde tamanino com tam doce e cândida senhorinha.

O infante D. Afonso, irmão do rei, egoísta e duro, que andava de mordomo-mór na casa da soberana, não ocultara o espanto, o que dava o toque da sublimidade do acto e Estevão da Guarda, o pagem, beijara as lajes do templo, em sinal de abdicação das ambições, ante tão estranho exemplo de humildade.

Correra logo a fama das bondades da espôsa de D. Dinis; diziam-na desprendida das honrarias e que, sob as suas vestes de gala, apertava à cintura um cilício forte que lhe enodoava a carne rosada de formosa, pois D. Isabel era linda, cada vez mais de celestial beleza, à medida que decorriam os anos.

Não se amofinava em ciumes nem em alvorotos a cada denúncia recebida sôbre as expedições amorosas do infiel e romanesco marido; caíam em seus ouvidos como palavras de outro sentido as de anúncio daquelas fervorosas e múltiplices paixões. Umas vezes era a notícia do nascimento dum menino, dos amores de D. Aldonça com o monarca. Tinham-no chamado de Afonso Sanches e seu pai amimava-o com a infinita ternura sentida pelos filhos do delito. Andava a criar-se com pompas de infante; recebera o Dom com terras e privilégios; e como diziam estéril a legítima senhora do tâlamo real, já viam no pequenino o sucessor. Nem tais soadas a indignavam. Pois se a Deus aprazia sua infecundez, que podia ela perante os desígnios do céu? Continuava nas suas caridades, nos seus

pensamentos religiosos, nas suas acções de bondade, a inquirir das donzelas desonestadas, das pobrezas metidas nos escondidos pardieiros, das feridas a lenitivar, das dores carecidas de suavização, dos males e dos horrores aos quais poderia assistir. Os necessitados afluíam às portas do palácio e nenhum partia sem esmola; às vezes eram tantos que a criadagem os expulsava dos pátios, em grande algarada, mas a rainha, ao sabê-lo, mandava repreender pelo seu mordomo quem, sendo pobre e agasalhado no paço, contra seus irmãos sem socorros assim se manifestava. Numa ocasião em que encontrou um mendigo chorando e, ao saber ter sido espancado pelo porteiro, tristemente ajoelhou a seus pés, pedindo-lhe perdão para o culpado e maiores carinhos lhe dispensou. Entretanto os novos amavios do espôso chegavam a seus ouvidos, mas ía-os recebendo sempre em tal resignação e calma que D. Dinis entrou a achá-los de desamor. Procurou-a em sua recâmara; estava lindíssima, com o desabrochar da idade; e se suas galas de trajar não realçavam a formosura, por garridas, a simplicidade de vestidos de maior beleza a tornava. Mais dois meninos tinham nascido dos vários e ilegítimos amores do monarca — um, Fernão Sanches; João Afonso, o outro — quando ela sentiu ter Deus abençoado também o seu ventre. Estava pejada a rainha e, na aurora de janeiro, veiu alegrá-la uma filhinha, à qual denominou de Constança, emquanto o pai, mais atormentado pela desilusão de tal fruto sem varonia, mais se ligava ao carinho de seu primogénito bastardo, D. Afonso Sanches.

Docemente, a espôsa enganada, inquiria da

vida das que o rei abandonava, ao cabo de saciar seu deleite ou seu capricho. Ficavam sempre em termos de riqueza desde que não o possuiam; porém, ela ia dando remédio às situações dos filhos de seu marido. Reservava-lhes amas, doçuras, lugares perto dos paços e, humildada, sem palavra áspera ou de zelos, sem mesmo mostrar uma lágrima em seus olhos moços, mas já afeitos a verem tôdas as misérias humanas, deixava o rei nas aventuras.

Um ano depois dava ao mundo um infante. Era robusto, rijo, de carnes fortes e rosadas. Seria D. Afonso, como o avô; herdeiro do trôno pelo direito de nascimento. Usufruiu logo tôdas as homenagens e os beijos do rei que, todavia, não olvidava o seu primogénito bastardo do mesmo nome, já em crescimento de graças e separado da mãe, a ser recebido na côrte por empenho da rainha. Ela adorava o seu filho, mas não esquecia os das outras, como tampouco diminuira sua ternura pelos pobres, suas orações, o trabalho de suas mãos mimosas nos panos grosseiros, a descida às gafarias, a prática do bem e de tal modo que já não lhe chegavam as rendas das suas quatro vilas para tantas desditas a consolar.

Ligeiro de ânimo, o monarca, ía sempre a entreter-se em suas paixões de inconstante, procurando os amores onde encontrava mulher bela; mas, a-pesar-de tudo, dava-se à governação, sabia de todos os seus subditos, mandava cultivar campos e ajudava os lavradores aos quais chamava «os nervos da república», dedicava-se a abrir escolas de grandes estudos, ordenava a sementeira do pinhal de Leiria, com o fito no fabrico de naus, e depois

volvia-se a fazer versos, a engendrar fantasias, a procurar deleites do espírito e da carne e às montearias sem fim nas selvas do seu reino. Da espôsa ocupava-se, um pouco enciumado, ao vê-la dar tão minguado valor a seus desvios de marido que nem deixava de lhe acarinhar os rebentos de tais amores. Enchia-se de zelos, porque são os piores ciumentos os inconstantes e quando quiz perscrutar do ânimo da soberana logo houve quem aventasse distinguir ela muito e mandar em recados distantes a certo pagem com o qual se encerrava nas salas do paço durante largo tempo. Fixou o escudeiro invejoso que tal notícia lhe dava; injectaram-se-lhe em raivas os olhos apaixonados e, partindo de galope além da cidade de Coimbra, foi ao arrabalde onde topou um forneiro de cal em seu mistér. Apeou, deu-lhe ordens terminantes num estilo irrespondível, escutado em vénia e obediência. Ao raiar da aurora do dia seguinte viria até êle um pagem com certo recado. Tomá-lo hia, dando-lhe como prémio a bocarra de seu forno para o calcinar, o reduzir a cinzas.

—«O primeiro que chegar com minhas palavras vá de lhe dar o bom calor!»

E partiu rindo, contente, ordenando ao pagem argùido a missão do dealbar. Acordou de ânimo perturbado; já o sol rompera e não aparecia o plebeu a dizer-lhe de sua obra; então, impaciente e em fúria, chamou o escudeiro acusador das detenças da rainha com o condenado e mandou-o a saber do acontecido. Passaram-se horas. De repente el-rei viu em sua presença o pagem sorridente de joelho em terra a dizer-lhe ter o forneiro já cumprido suas ordens quando êle lá chegara. O

pasmo do monarca era intenso. Via vivo o que quizera morto e interrogou-o, quiz saber se houvera menos cuidado por seu serviço.

—«Não, meu senhor... O forneiro deu o bom calor ao que primeiramente chegou em serviço de vossa real mercê! Foi o que me disse, senhor, e vos repito.»

El-rei compreendeu tudo, mas hesitou, até que fez a pregunta:

—«Mas tu quando te achegaste?»

—«Senhor... Eu prevariquei... Detive-me a ouvir missa no convento de S. Francisco da Ponte... Demorei-me, senhor...»

Recebera o castigo o denunciante, o da falsidade, o primeiro que chegara à fábrica com o recado real. E D. Dinis, num extasi, sentiu passar a justiça divina. Curvou a cabeça, ajoelhou, pôs-se a resar e viu a imagem da inocente rainha, como aureolada dum resplendor.

SEGUNDO QUADRO

O PATRIOTISMO DUMA SANTA

IAM com vagares os anos e Isabel não mudava. Acrescera-lhe o espôso seus bens para mais ter que doar à pobreza. Acompanhava-o pelo reino, sabia-lhe dos amorios sempre renovados, duma D. Gracia de Sousa, a encantá-lo e a dar-lhe um filho, que chamou D. Pedro [1], o qual seria conde de Barcelos; e, ou envergonhado de acrescentar sua prole, desfalcando os régios réditos, ou vencido pela bondade da soberana, êle ía-lhe fazendo mercê de maiores bens, a-fim-de não julgar ser seu desígnio arruinar a corôa a favor dos bastardos.

Chegados certa manhã ao castelo de Alfazeirão, entregou-lhe por dom as colheitas das vilas de Óbidos e de Sintra, com mais padroados e alcaidarias; entraram em Alcobaça e ela fôra dar graças a Deus no mosteiro, tendo comsigo muito mudado o espôso. Mandara-se fazer para a igreja de S. Domingos, de Lisboa, uma imagem em que a soberana figurava de

[1] Foi o celebrado conde D. Pedro, autor do *Nobiliario.*

Mãe de Deus, tendo ao colo o menino com o rosto do infantesinho D. Afonso e êle sorrira, desvanecido. Embora continuasse em suas proezas de amoroso e de fragoeiro, encarava em singular respeito as qualidades da consorte. Admirava-lhe a unção, a bondade, os seus modos de perdoar, o seu carinho pelos nascidos do amor culpado, e desde aquêle traço duma estranha Justiça em que o escudeiro sofrera a sorte destinada ao pagem inocente, não mais deixara de meditar nos desígnios do céu. De resto, a rainha industriava-o tanto em suas devoções, contava-lhe tantos dos seus idealismos e consagrava-lhes tais horas de conversação religiosa, que êle, poeta, educado por um bispo douto, dado a rimanceiros, acabara por se fascinar nas legendas divinas. Sobretudo — el-rei o confessava a desbastar sua incredulidade, tão provada depois ante as sobrenaturais revelações — sentira-se crédulo, após certo facto que a milagre imputara.

Vira ainda o pai, D. Afonso III, um pouco scético pelo conhecimento da alta clerisia, a sobordinar-se-lhe na hora da morte, receoso do castigo, aninhada a superstição na sua alma bárbara. Êle, criado em subtilezas, não se amesquinhava e pretendia erguer-se acima dos banais terrores. A rainha, porém, falava-lhe sempre dos milagres do céu e, naquêle tempo, insistira muito nas virtudes do seu parente Luís, bispo de Tolosa, que trocara as corôas reais da Hungria e das Sicílias, primeiro pelo burel de mendicante e depois pelas vestes de prelado, sob as quais se almafegava em grosseiras roupas. Vivia numa réstea luminosa de boas acções, de milagres e o

exemplo de tanta bondade enchia-lhe a alma de esplendor, querendo deslumbrar o marido e levá-lo para menos pecadores trilhos. Êle ouvia-a, mas não se emendava.

Chegara, emfim, a hora em que sentira como roçar-lhe a carne um frémito sobrenatural e quebrara, daí em diante, um pouco mais a sua leviandade.

Partira de Beja com luzido séquito de monteiros e escudeiriços, batedores e moços, matilhas de galgos e falcoaria, para fazer uma grande caçada. Entusiasmara-se no seguimento duma corça leveira que o arrastava com a graça travêssa e feminil, tentando-o com seus olhos de antílope. Perdera-se num matagal, vizinho de Belmonte, nas margens do Guadiana, pois assim se chamava a terra para onde o desviara com seus saltos o garrido e astuto animalzinho, ao qual procurava abater e lhe fugia. De repente, soou um rugido espantoso e, diante do monarca, em vez da corça ligeira, encontrava-se um negro e pesado urso, de bocarra escancarada, as unhas afiladas, esfaimado e feroz, a avançar para o real caçador. D. Dinis, do alto da sela, defrontava-o. Via-o fugir e seguia-o, no seu ímpeto de bom sangue, quando o perdeu, como se em algum fôsso caísse; a súbitas, sentiu-se arremetido; dum salto brusco, o urso, que se ocultara numa penha, atirou-se contra a montada e derrubou o corsel com o cavaleiro. De repente, as garras rasgaram-lhe as roupas e, num ímpeto, sacando do afiado punhal, que se entalava em seu cinturão, procurou defender-se, ao receber no rosto o hálito imundo e os uivos do atacante. Em vez de garreado, foi uma doce visão que a seus olhos decor-

reu; julgou ver o santo bispo de Tolosa humildado num burel, a dar-lhe ânimo e, de chofre, no impulso de quem recebe um auxílio poderoso, rasgou a garganta da fera, calando-lhe a voz rouca e abatendo-a, num lago de sangueira.

No regresso lançou-se nos braços da rainha, a contar-lhe o terrível encontro; escutou a côrte a narrativa do rei e da comitiva que se assombrara, ao topá-lo com o despojo aos pés.

Na igreja de Odivelas, de que deliberara a fundação em memória de sua sorte, mandou celebrar o feito com uma figura de cavaleiro derrubado sob o furioso urso de Belmonte. Menos afundou sua carne do que vincou sua alma semelhante duelo. Abrandou em loucuras, deu-se mais aos trabalhos da governação, aos quais, de resto, nunca descurara; dedicou-se em novos anelos ao amor da família, sem esquecer os bastardos, entre os quais preferia, com manifesto carinho, o primogénito, D. Afonso Sanches, que a rainha também afagava.

Inclinava-se em respeitos por sua bondade, dia a dia maior; não dava um passo sem a consultar, aferroado a uma amisade feita de imensa ternura. Seu irmão, D. Afonso, andava a disputar-lhe o reino. Dizia-se o verdadeiro sucessor de Afonso III, visto ter nascido quando já era morta D. Matilde, a primeira mulher do pai, ao passo que o rei, nado também do segundo consórcio com D. Beatriz, viera ao mundo em vida da repudiada; possuía, por isso, menos legitimidade. Erguera seu brado e encontrara partidários; aliara-se a Castela e topara auxílios. Reclamava

para seus filhos três castelos da corôa; não queria saber de suas bastardias, mas apenas dos bens aos quais não renunciava: a vila aberta de Vide, Marvão, Arronches e Portalegre, em cujo reduto se entrincheirou. Em breve, porém, falharam-lhe os recursos e as alianças e, foragido, lançou-se para Badajoz, onde os de Castela, voltados para D. Dinis, o cercaram e o viram rendido. Entre as mesnadas apareceu um emissário de D. Isabel a chamar o rei aonde ela se encontrava e tanta impressão soube produzir no ânimo do monarca que, num impulso de poeta, depondo sua espada vitoriosa aos pés duma encantadora mulher, que era a sua, se dispunha a transigir com o infante, a doar-lhe de novo suas atalaias para que as legasse aos filhos, desapossando assim os sucessores, criando maiores motivos para futuros dissídios.

Levava mais longe a sua isenção. Dizia à espôsa, que o olhava surpreendida, estar disposto a legitimar a prole do vencido e mostrava-se em rasgos de idealista, alagado na aura bemfazeja daquêle fim de batalha diante da linda medianeira.

O infante, ainda revestido das suas armas de guerra, aguardava a sentença na alcáçova, sentindo tôda a influência da cunhada no ânimo bondoso do irmão, agora levado até à munificiência mais generosa.

De repente, D. Dinis sentiu escurentar-se-lhe o ânimo. A voz doce e terna da rainha era tôda de sinceridade e bom senso, ao citar-lhe quanto êle dava que ela não pedira. Desejava seguros e acautelados os descendentes de D. Afonso; queria para o infante e para os seus tôdas as regalias; tratava-os

de parentes, ricamente apetrechados para as desgraças; sentia dever-se-lhes muito oiro; porém, ía bastante longe el-rei, em suas graças.

Imaginara ser vítima dum pesadelo ao escutá-la, tão mimosa e tão suave, vestida de gala, decerto amarrados os cilícios à cinta, em humildade e castigo, mas não a compreendia.

Porque viera, nêsse caso e de longe a celebrar as pazes, ou antes a intervir em favor do rebelde, se não o queria satisfeito em suas exigências?

Decidira-se a obedecer-lhe, logo às primeiras palavras, como um devedor galante duma gentileza ante a mais grácil das donas que desejava bem servir. Agora, porém, era ela própria que, movendo suas mãosinhas brancas, enumerava os bens, as doações, as tenças, tudo quanto êle quisesse dar ao irmão e a seus filhos, mas nunca os castelos, as torres ameadas, as barbacãs e as honras dos balsões.

Firmemente, com tanta ardidez como a usada para solicitar perdões e dádivas de maravedis e terras abertas, ela se manifestava, no momento, ante o que sentia sair da corôa para os adversários do marido.

—«Mas, Izabel, porque não os castellos se os pede e por suas paredes se rebelou? Porque não êsses muros de Marvão, de Portalegre e de Arronches, se n'outros teres não faz esforço? Sim, porque não, se de longe chegaste a pedir paz e beneficios?»

—«Deixae-lhe a sua villa de Vide; doae-lhe rendas e egrejas.. »

—«Porque não os castellos, se os tomou em revoltas e os ambiciona? Se vieste pela tregua?»

— «Senhor rei, é que os castellos são de Portugal e menos falta fazem a um principe do que a uma grey. Doae-lhe dos meus reditos, mas deixae os castellos ás vossas bandeiras...»

E D. Dinis, expulsando o poeta de sua alma e albergando nela a realeza, sentiu bem quanto a sua Isabel merecia ser rainha.

TERCEIRO QUADRO

A LEGENDA DAS ROSAS

MAL chegavam as tenças e réditos da rainha para pagamento de tanta caridade. Andava sempre a tirar de sua casa para benefício dos pobres. D. Dinis já não estranhava as suas atitudes; deixava-a a enternecer-se diante de tôdas as desgraças e a lançar em volta tanto bem, que os pobres vinham dos confins do reino, de pés chagados pelas arestas pedragosas e de almas turbadas em ânsias de socorros. Estivesse nos paços de Santarem, em Coimbra, em Leiria, vila que lhe fôra doada, em Odivelas, em Extremoz ou em Trancoso, afluiam os mendigos de tôda a casta. A rainha lavava-lhes os pés cansados, dava-lhes de comer, assistia-lhes e quando eram de outro género as bondades a praticar, ela, que guardava, a-pesar-de ser mãe, uma larga ingenuidade, sabia aconselhar e conduzir as desgarradas ao bom trilho. Procurava lenitivar os males das donzelas perdidas nos amores, mandava albergar criancinhas desamparadas em nome da moral que lhes ocultava as mães, recolhia nas suas casas os necessitados de amparo e dava suas palavras sãs aos pervertidos. Para a soberana, mal existiam culpas; tudo no mundo se remediava

pelo arrependimento. Por isso, mantinha uma resignação enorme que enchia seu rosto da mais plácida e suave das expressões. Continuava a usar os vestidos da singeleza e a cingir debaixo dêles os cilícios. Se envergava trajes de magestade, comprimia mais as cordas da penitência, como a querer pagar com os vergões na sua carne o que pudesse ser tomado à conta de vaidade no vestir.

Dos seus celeiros manavam os grãos para os famintos, como das terras de semeadura, das colheitas que lhe competiam, doava logo grande parte aos semeadores. Queria os seus servos bem tratados, na posse dos alimentos que produziam, e se dos sementais do linho mandava fazer ou trabalhava por suas mãos as toalhas dos altares, também se talhavam, e seus dedos eram mais ágeis nesta tarefa, os panos consoladores das chagas. Entrava afoitamente nas gafarias e não podia ver uma miséria sem a socorrer, fôsse dum humano ou dum irracional, duma formiga ou duma rosa. Baixava-se a desviar do seu pé a pétala caída e afastava-se para poder avançar o carreirinho negro das trabalhadoras, a encherem as engenhosas células de seus depósitos previdentes. Vivia num extasi de bem-fazer e do mel de suas abelhas nutria as criancinhas que tossiam e alimentava com a cêra dos cortiços as luzes do bom Deus.

Dum lado ao outro do reino se conheciam já tanto as suas bondades que para ela todos se voltavam implorantes, buscando o mais doce dos amparos. Muito baixinho, o povo chamava-lhe sua mãe, temendo ofendê-la; em voz alta, tratava-a de santa, mal sabendo que mais lhe desagradava, porque D. Isabel de

Aragão julgava-se tão pecadora como a maioria dos mortais e desejava redimir com o bem e a humildade as supostas culpas de sua existência.

Jamais hesitava em servir os que se lhe dirigiam e ouvindo queixar-se-lhe D. Mór de ter sacrificado parte da sua fortuna para erigir o convento de Santa Clara, no que a embaraçavam os cruzios, logo a atendera num frémito irreprimivel, tanto em sua alma ecoara o desejo de a auxiliar. Ela erguera à beira do Mondego, pertinho da orla que as cheias saltavam, algumas paredes brancas, dentro das quais queria recolher as desditas do mundo. Gastara todos os seus bens, vendera ouro e prata, terras e casais, a-fim-de se enterrar ali, na margem do rio. Consumiu as riquezas que de seus maiores provinham. Levara treze anos a lidar para conseguir erguer a sua claustra; construira a igreja. Deixara o mosteiro de Santa Cruz, tão protegido de el-rei, pela visão da cela humilde, onde procuraria o refúgio para a sua fé, invocando S. Francisco, o da humildade, e Santa Clara, a que o imitara, preferindo-os para exemplo de sua crença em Deus. Sentira-se venturosa e tanto que ao Altíssimo pedira perdão, julgando-se em pecado de orgulho. Frei Abril, guardião do convento de S. Francisco da Ponte, recebera a doação por escritura, mas logo o prelado quisera embargar a entrega. Levantara-se tal celeuma que o próprio rei se colocara ao lado do prior de Santa Cruz, o qual disputava com D. Mór. Dizia a religiosa de sua comunidade e incapacitada de tratar com outras ordens. A rainha escutou as solicitações da virtuosa monja; acudiu a

pedir justiça para ela e imaginava procurar recursos a-fim-de concluir o edifício, quando a doadora se finara e a questão mais se acendera. As outras freiras suplicavam da soberana todos os auxílios; a cleresia interpunha-se, à sombra do rei, mas D. Isabel caíra em meditação diante do convento ainda imperfeito, falho de recursos, um esqueleto, vizinho duma vaga igreja. Tomou para si a tarefa; solicitou do pontífice o beneplácito, ergueu-se diante dos sacerdotes, não na sua magestade de rainha, mas na sua atitude digna, de consciência limpa e nobre começou a dedicar ao edifício o carinho que sempre mostrara para com os pobres.

Ele era, na sua humildade, como um doente carecido de auxílio, um peregrino parado à beira do Mondego em ânsias de socorro; suas paredes vacilavam como carnes doentes; suas janelas pareciam as pupilas vazias dum cego, esperando a luz de Deus na consagração das hóstias, nos exemplos de virtude. Sem detenças, num arranco, bem inspirada, como sempre, dedicou-se intensamente ao seu fim. Queria ver completo e sagrado êsse mosteiro das claristas e deu-lhes ânimo; encantou-se, ao senti-las vigorosas para o trabalho dentro dos seus hábitos pardos, de véus negros que as brancas cordas cingiam, e uma vontade enorme de as imitar chegava ao seu espírito. Viu em Santa Clara a sua futura casa, os paços onde deveria repousar junto das monjas, paredes meias com suas devoções e não se deteve mais. Havia uma nova igreja a construir e foi em busca dos meios de a edificar.

Dava-lhe seus cuidados e seu dinheiro; dia e noite sonhava com a obra tornada como

uma filha e descia de tal maneira às ínfimas tarefas em honra de seu mosteiro, que o rei, vencido na lucta, só dessas missões mesquinhas a culpava. Embora os padres de Santa Cruz tivessem visto a sua derrota, perdoava à rainha o inflingir-lha, não se preocupava com os gastos de sua bolsa, mas desejava-a afastada de tôdas as fainas humildes. Era o que queria; eis o que lhe suplicava. Construísse à vontade o seu convento, mesmo os paços; tencionasse albergar-se nêles no fim da vida; porém não esquecesse os respeitos devidos à magestade real.

Vinham dizer-lhe que andava pelos corredores em construção, mal receando os salpicos da cal; que ajudava, por suas mãos, a dar exemplos, e tratava com alvenéis e oficiais de ofício, à maneira duma necessitada. Em vez de empregar seus servos ou aias, era ela a olheira, a atalaia, a vigilante das obras do convento e, ainda mais, el-rei estava informado, tirava à sua ucharia, a seu tratamento, à sua pompa para doar à fábrica que turbara sua rasão, a ponto de se misturar na balburdiante vida dos mesteirais e mecânicos.

Decerto fizera um voto ao céu; despira-se das vaidades e renunciara à realeza. Já não lhe chegavam os rendimentos das suas vilas de Porto de Moz, de Trancoso, de Leiria, Cintra, Obidos, tampouco os seus celeiros para realisar o grande sonho. Tudo era engulido na lama do Mondego, ameaçador nos invernos, todo de rugidos, a saltar as pontes. Mas, embora se gastasse todo o oiro do reino, o que se tornava necessário era salvar a rainha das suas baixas ocupações. Solicitara-lho; recebera-o com o eterno sorriso cândido

de sua linda bôca; suplicara-lho, evocando a dignidade da realeza e do mesmo modo se quedara. Resolvera ir surpreendê-la para que não pudesse negar a realidade e, sem pagens, sem escudeiros, sem séquito, D. Dinis passou da portada anterior à da claustra e logo se lhe deparou a rainha. Trajava em modéstia e, erguendo o pano superior de seu vestido, à maneira dum avental, guardava nêle qualquer coisa oculta aos olhos do rei. Era o dinheiro para as férias de alvenéis, mecânicos e carrejões e o monarca tanto o percebeu e de tal maneira se orgulhou de a topar em sua faina humilde que, enviseirado de severidade, lhe preguntou:

—«Senhora: que levaes em vosso regaço?»

Sem a menor perturbação, a rainha, esgarçando um pouco a veste, volveu:

—«Rosas, real Senhor!»

O espôso curvou-se e viu, na verdade, em vez de dobras e maravedis, em câmbio de oiro e prata, uma abada de rosas das mais lindas, tão vermelhas umas, tão brancas outras, que lembravam laivos de sangue de sacrifício, vertido sem tocar a candidez das que eram da côr da pureza e da bondade.

Tudo se passara na simpleza das coisas santas.

—«Rosas, real Senhor!...»

E a voz de Isabel soava como um cântico de celestial harmonia.

QUARTO QUADRO

OS ZÊLOS DO INFANTE

COM a idade, o rei, que tanto se dedicava ao reino, ía fazendo tudo quanto sua mente imaginava e como o erário se enchia das pingues riquezas da terra, podia, como um poeta, sonhar e como um pródigo proceder, que sempre a míngua seria espancada de sua beira. Erigia escolas e templos, auxiliava os empreendimentos, e, todo desvanecido no esplendor de sua obra, a mais pacífica da dinastia, tratava de dar felicidade aos que o rodeavam. Desde tenra idade amerceara o filho legítimo com casa separada dos paços, cercando-o de honrarias, como sabia ser hábito em França onde seu pai aprendera e conforme lhe aconselhara o bispo, o mestre Aymeric, já chamado pelos portugueses D. Américo, na sua diocese de Coimbra.

O infante criava-se como um pequenino rei. Seu educador era o futuro arcebispo de Braga, D. Martinho de Oliveira; seu aio era D. Martim Gil de Sousa, a quem o rei dera o título quando o seu pupilo fizera catôrze anos. Lentamente se criava um partido em volta do

herdeiro do trôno ao qual se juntavam turbulentos fidalgos e seus aderentes, ambiciosos moços, pagens e escudeiros, que tinham envolvido num ódio sinistro os bastardos do monarca, à excepção de D. Pedro, maleável e hábil, amigo das letras, sumamente talentoso e que, a-pesar-de sua mocidade, sabia desviar-se dos escolhos. O pai admirava-lhe as qualidades; revia-se nêle, sentia-o detentor do seu temperamento e das suas paixões de alma, emquanto no bastardo primogénito reconhecia a dedicação, o ardor, a valia de o bemquerer. Também nomeando um alferes-mór, reservara para êste a mordomia-mór, o que lhe dava largos foros e excitava as iras da côrte, reduzida mas turbulenta, do sucessor do trôno.

Fernão Sanches e João Afonso, os outros ilegítimos descendentes de D. Dinis, ligavam-se a D. Afonso Sanches, embora êle se guardasse de tomar atitudes, aceitando as doações paternas sem alarde. Querendo agradar aos contrários, mostrava-se simples e calmo, sem se envaidecer das preferências régias, de resto patentes a tôdas as vistas.

Por êste tempo, andava na côrte uma grande intriga. Debalde se procurava deter a onda ciumenta do ânimo do infante, espicaçado por seus partidários. Diziam-lhe querer o pai proclamar seu sucessor o bastardo tão querido; mostravam-no a caminho do poder; afirmavam ter já partido um emissário a solicitar do papa a sua acedência e tratava-se de inutilisar o rival, tecendo à sua volta o grande enrêdo. Mandaram-se a Castela dois criados do infante, Pero Gonçalves e Pero Guilhelme, a-fim-de levantarem um instru-

mento de culpa contra o inimigo. Traçaram um verdadeiro romance de horrores escrito em traslado de tabeliães e no qual se tendia a provar que por palavras dum peão atacado no vilar de Santa Maria de Magarela, se ficara sabendo ser êste da casa de D. Afonso Sanches e que fôra ali em busca de veneno para empeçonhar o senhor infante, por ordem do irmão. De tal guisa teria revelado o caso que não restariam dúvidas da cilada. Encomendado o feito e escrito o auto fingido, levaram-no ao monarca, depois de publicado em Coimbra pelos juizes.

Foram seus portadores os fidalgos Nuno Martins Barreto e Ruy Gracia do Casal por banda do herdeiro da corôa que, requerendo o castigo do acusado, ficava aguardando a justiça real. Nublou-se a alegre fronte do rei poeta; turvou-se-lhe a alma, ao imaginar, ante as letras da notícia, ter seu querido filho albergado ideas de assassínio e exclamou, em ira, disposto a punir, «que se fosse certo que outro seu irmão legitimo (se elle o tivera) contra elle comettera tal traição, sem alguma piedade lhe mandara tirar o coração pelas espadoas, como ao mais vil homem do mundo» [1]. Ordenara a cavaleiros de sua confiança o trazerem-lhe certezas, inquirições verdadeiras. Partiram e voltaram com desmentidos. Jamais se dera em Magarela caso semelhante. Eram falsos todos os documentos apresentados a sua alteza àcêrca da suposta acção do seu bastardo. Sangrando de alma, à conta da mentira

---

[1] Duarte Nunes de Leão—*Chronica de El-rey D. Diniz.*

do filho legítimo, tão torvamente descido à infâmia, chamara à sua recâmara D. João Mendes de Briteiros, Martim Afonso de Sousa, Gonçalo Anes Berredo, D. Pedro Estaço, mestre de S. Tiago; D. Gil Martins, mestre de Cristo; bem como a Vasco Pereira e mais conselheiros e, revelando a sua pesquiza feita na terra castelhana, dizia-lhes que se o desmentido lhe era grato ao espírito, por inocentar um dos seus filhos, o aterrava ante a maldade do outro, do que seria o seu sucessor no trôno. Um rei jamais devia descer à mentira contra um seu súbdito. Evocava os benefícios que lhe fizera; como o tratara dando-lhe casa, elevando-o acima dos hábitos de sua idade em honras e proventos e queixava-se, num desabafo, de todo o horror da intriga, do mal aconselhado que andava seu filho. Um dos amigos do infante, o seu aio, Martim Gil de Sousa, transtornara-lhe o carácter em virtude do ódio nutrido contra D. Afonso Sanches, seu meeiro numa tença. Era certo que os puzera de acôrdo, rogando largamente ao bastardo para deixar a demanda, mas o cavaleiro, ainda azedado, passara-se a Castela, em treda e negra acção. Tal fôra o aio de seu filho, tal o que lhe ateara no ânimo a cólera e os zelos. Numa raiva maior, acrescentava ter o infante protegido sempre o seu antigo mestre e todos os que hostilisavam ou desobedeciam ao rei. Enchera-se de raivas e agora levantava aquela vileza que mais bela e nobre tornava a figura do acusado.

Os cavaleiros baixaram as cabeças, ao darem rasão ao monarca. Depois, num rude ímpeto, desafogando-se ante os familiares, falou da invenção de ter êle enviado car-

tas ao papa, com os sêlos de vinte e duas vilas, a-fim-de alçar o que diziam seu preferido, afastando do trôno o legítimo herdeiro e, ardendo numa sentida dôr, declarara estar disposto a escrever ao pontífice, a-fim-de êle atestar a falsidade da imputação. E, arrebatadamente, numa grande pressa, chamara Pero Esteves e Lourenço Annes Redondo, fidalgos de sua casa e ordenara-lhes que fôssem aonde o filho e lhe narrassem seu propósito. Queria-o tranqùilo, com os seus vinte e um anos, aprendendo na obediência e no amor pelos pais o ofício tão difícil de reinante. E ao acabar, despedindo os do conselho, golfaram-lhe dos olhos afeitos à beleza as lágrimas da tortura.

D. Isabel, nas horas que a sua caridade e fé lhe deixavam livres, ia em busca do espôso cuja alma andava tão perturbada e, sem lhe dar palavra àcêrca dos seus pecados, mostrava-lhe o caminho da resignação.

Não havia dúvida de que, sem os seus amores culpados, sem o nascimento dêsses bastardos, tudo decorreria tão bem no reino que ninguém se atreveria a uma vaga queixa.

O filho preferido mal estadeava a sua qualidade de bem-amado; não procurava defrontar o irmão, mas na alma dêste anichara-se o fel dos zelos e o terror de ficar sem o trôno Conhecia a história do avô, vindo de França, do exílio em que vivia, atraído pelo clero e pelos inimigos do rei D. Sancho, seu primogénito, a-fim-de o destronar. Tarefa mais difícil esta fôra do que um soberano solicitar do papa a troca de seus herdeiros. Daí a ânsia, a raiva, o rumor de intriga, a crença nos conselhos dos ambiciosos parciais, que levavam

o filho ao desvario. Agora mesmo, num arranco de louco, partira para Castela, onde a irmã falecera, a súbitas, sendo regente. Ia entender-se com a sogra e em busca de ânimo e de auxílio. Mas porque sucedera tudo isto, porque se movia assim o infante contra os desígnios paternos? Só uma resposta acudia aos lábios da rainha: a do pecado paterno, a da geração daquêles filhos do amor culpado, vindo castigar o pecador. E, de joelhos, pedindo a Deus lenitivos, em vez de repelir o marido, mais o bem-queria e não deixava de acolher os que causavam tantos males. Ao próprio D. Afonso Sanches, cujas qualidades conhecia desde a meninice, recebia-o e tratava-o, desviando-o dos maus caminhos, com carinho igual ao usado para com o próprio filho. Se nêste encontrava relutâncias, no bastardo só via obediência e submissão, desejo de agradar, poucas ambições de substituir o futuro rei. Êle é que, no regresso da fronteira, se mostrava mais irritado. A sogra, a rainha D. Maria de Castela, enviara letras a D. Dinis nas quais insinuava a necessidade da partilha do govêrno com o infante, a-fim-de êste sossegar, sentindo não haver contra êle propósitos de expoliação.

Desta vez uma raiva profunda rompeu do íntimo do rei e, num arrebatamento enorme ante o olhar doce e calmo da espôsa, que o encarava, sem palavra, quis obrigá-la a falar, a aconselhá-lo, a tomar um partido.

Na mesma serenidade de sempre a rainha envolveu-o num consolador sorriso, quedou-se, deixou-o no ímpeto da sua zanga, porque, na sua alma de ternura e de pureza, aparecera a dúvida e o receio.

Não seria também culpada de ter dado à luz semelhante filho, ambicioso e falso, rebelde e fementido?

Voltava-se para Deus; aceitava seus desígnios e, apertando mais os cilícios, volvia-se em dôr para as paredes do seu querido convento de Santa Clara — entrevisto agora como uma obra de sua expiação.

S. ISABELLA LVSITANIÆ REGINA
VIXIT AN. LXV. OBIIT AN. MCCCXXXVI.

NO qual a Rainha o curava com suas mãos, como a mais simples e dilligente molher do mundo que não tivera molheres que a servissem.

(Duarte Nunes Leão — *Chronica de El-Rey Dom Diniz*).

[illegible]
[illegible]

QUINTO QUADRO

FURIAS DE REBELDES

AS hostes do infante passavam como uma horda, devastando, arrazando, queimando, sem pouparem as searas, vilares e aldeias. Com os cavaleiros, escudeiriços e pionagem arrebanhara-se gentalha da pior casta, facínoras, bandidos acoutados nos castelos e nos solares sob a protecção dos parciais do filho de D. Dinis. Êle próprio os acolhia, querendo contar com seus braços rijos e com suas negras consciências.

Lançara-os na freima do terror. Levara a espôsa para Castela e, sentindo-se disposto a tudo, ordenara as correrias, logo excedidas no tropel rancoroso da quadrilha. Não se tinham respeitos pelos adversários; destruia-se sem peias, sem quartel e à frente dessa turba condenada, Estevão Gonçalves Leitão, vassalo querido do rebelde príncipe, incitava e rugia, apontando-lhe as crueldades a praticar. Ao depararem com dois amigos de Fernão Sanchez, um dos bastardos riais, tomaram-nos com júbilos e, amarrando-os a duas árvores, fôram-nos escorchando entre risos selváticos, à luz vermelha das fogueiras do acampa-

mento. Tiravam-lhes as peles; depois de as golpearem, arrancavam-lhas lentamente entre gargalhadas e, ao verem escorrer o sangue, excitavam-se, tratavam-nos de más rezes e acabavam esbandulhando-os, depois de gosarem as agonias. Nem poupavam a casa de Deus.

Um João Pires de Portel assaltara com os facinorosos o mosteiro do Marmelal, julgando ali encontrar o comendador fiel a el-rei. Puzera-se em fuga e os da tomadia, ao verem as freiras formosas, as virgens, as crianças acolhidas na sombra dos altares, violaram, insultaram, forçaram e fizeram o saque, voltando para a hoste carregados de despojos e gabando-se das proezas. Ninguém os expulsou; antes apareciam os desterrados e os foragidos por grandes crimes, a engrossarem o exército da rebelião. Sumáriamente dois cavaleiros, Afonso Novais e Nuno Martins Barreto, tinham deliberado forjar maior infâmia. Não receavam do castigo; andava em tôdas as bôcas a notícia de que D. Geraldo, bispo de Évora, seria o encarregado de publicar a bula papal que continha a excomunhão do infante. Pertencia o prelado ao conselho do soberano; era varão de sublimes virtudes; sua palavra devia encontrar éco e, então, os rebeldes correram a Extremoz, onde êle se encontrava, arrastaram-no para uma sala, em saltos de feras, e assassinaram-no vilmente.

Causara uma enorme repulsa em todo o reino aquêle homicídio; erguera-se uma condenação formal contra o príncipe a quem o pai, de longe, querendo ainda poupá-lo, aconselhava a repelir os homens ruins de sua mesnada. Debalde lhe mandou os emissários

que correram às vozes. A custo os homens se escaparam; as vozes abafaram-se no pavor.

Chegara um legado de Roma com a resposta pontifícia àcêrca da atoarda de ter o monarca solicitado de João XXII o alçamento do bastardo ao trôno, do qual seria excluído D. Afonso. Os povos davam razão ao rei; fugiam diante dos invasores e queixavam-se da falta de defezas, por banda dos vassalos riais.

O infante fingira expulsar os bandidos de sua tropa. Participara ir em romaria a Lisboa, ao mosteiro de S. Vicente, e não a pelejar, mas, largando de Coimbra para Leiria, levava a intenção de tomar a capital do reino.

D. Dinis acordou da sua tolerância; sentia ser seu direito punir severamente e, apetrechando a sua gente, erguendo os seus balsões, fôra deter o avanço dos revoltados.

D. Afonso chegara ao Lumiar mas retirara-se para Sintra, ante as fôrças superiores com que o pai surgira a bater-se. Devorados pela cólera e pelo desejo de pelejar, os cavaleiros não compreendiam a benígna atitude do seu chefe, ante o filho.

Acampavam em Bemfica; êle estava nas Albogas, no caminho de Loures, e um arauto partira, a unhas de cavalo, com recado do monarca para que o infante o aguardasse ali. Desobedeceu, receoso do castigo; levantou os arraiais e volveu-se ao seu anterior destino. Em breve tinha tomado Coimbra. Publicou-se logo o édito em que se cominavam as penas de morte para os parciais do rebelde, considerados réus de alta traição contra seu rei e senhor.

Ordenava-se a todos os alcaides que não acolhessem o príncipe e o tratassem, como à sua gente, de declarados inimigos.

A rainha aparecera, em prantos, e lançara-se aos pés do marido. Guardára até aí um silêncio doloroso. Mal acreditava que o soberano quizesse tirar o trôno ao filho para o dar ao bastardo, mas diante daquêles éditos, rojava-se, chorosa, suplicando clemência.

O bondoso D. Dinis explodira, na fúria dos tranqùilos, a mais terrível, por mais tardia, geradora da inundação ruidosa da raiva contida, logo a galgar impetuosamente. Quando a espôsa lhe pedia piedade, chegava a nova de que o castelo de Leiria dera guarida aos troços do infante. Deixou D. Isabel nas suas lágrimas e lançou-se com uma numerosa e bem provida mesnada a caminho da vila, rugindo que mandaria queimar todos os culpados da entrada dos troços rebeldes dentro das ameadas muralhas. Encontrou alguns dêles acolhidos no mosteiro de Alcobaça. Abraçavam-se com os altares acolhidos ao amparo do templo. Furiosamente, o monarca ordenou que os arrancassem da casa de Deus. Tomaram-nos à fôrça, arrastaram-nos para a praça e, dentro em instantes, eram poucas as árvores para os pendurar, à vista dos povos atemorisados. Sabia-se que passara ali a justiça real. Constava que o infante se encontrava em Santarém, cujo alcaide resistira, mas fôra vencido. Em Leiria tinham sido atirados ao fogo todos os cúmplices de subordinação ao desacatador da realeza. Enfim, explodira numa tremenda freima, num semental de castigos, a demorada acção do rei.

A rainha, deixada sem acôlho pelo marido, dirigira-se a Santarém, ao encontro do filho. Ia vestida de penitente. Enchera de cinza os seus formosos cabelos, envergara uma túnica de estamenha, enroscara ao pescôço uma corda nodosa e, descalça, ferindo-se nas pedras, acompanhou a procissão do Santo Milagre que mandou sair em vistas de abrandar as iras do rebelde. Êle, porém, já partira para Torres Novas, receoso do rei, que lançava na fogueira os seus adeptos. Acabara por se entrincheirar em Coimbra.

D. Dinis topara a rainha naquêle trajo de humildade. Trazia, porém, nos olhos todos os horrores da guerra e tôdas as queixas dos súbditos que lhe tinham mostrado as devastações feitas pelas hordas. Em tôda a parte as vozes roucas dos expoliados pediam justiça e os cavaleiros, vindos da hecatombe de Leiria, diziam-lhe ser voz corrente que se D. Afonso se apossara da vila e do castelo fôra menos por suas fôrças, sempre receosas do embate, do que pela vontade do alcaide. E acrescentavam, ao comêço amedrontados, depois em clamores, que decerto a senhoria da terra ordenara submissões aos atacantes.

E a dona da vila era a rainha D. Isabel. Via-a ali, com os pés nus, de baraço ao pescôço, no adro da igreja, a suplicar-lhe ainda clemência. O príncipe, sempre em armas, recolhido nas fortalezas, não cedia e ela mostrava-se suplicante, quando devia incutir no ânimo do vencedor o alento para o castigar.

Não restava dúvida — pensava el-rei. — A espôsa mal soubera resistir às súplicas do infante. Decerto lhe mandara entregar as vilas,

os castelos, as regiões de sua suzerania. Encarava friamente a suplicante. Em volta, os seus homens de armas a custo continham as cóleras. Andavam cansados de chacinas e furiosos por encontrarem, por tôda a parte, as devastações, os cadáveres dos fiéis pendurados nos adarves das fortalezas ou no arvoredo dos caminhos, as cinzas dos palácios, casais e igrejas, as queixas e os ódios gementes e refervedores. E o flagelo continuava. Entregara-se ao infante a terra da Feira, Gaia, o Porto e só lhe resistira Mem Rodrigues de Vasconcelos, no castelo de Guimarães. D. Pedro, alferes-mór do reino, o inteligente bastardo do rei, servia desvairado, dizia-se que mais em vesos de o bem conduzir do que em vontade de o excitar. Porém, estava lá, rebelado e tredo.

E ainda aquela rainha, cuja corôa andava em risco, ali aparecia, de vestes penitentes, erguendo as mãos e suplicando piedade! Decididamente era cúmplice. Os guerreiros, apoiados às altas espadas, condenavam-na, no seu lúgubre silêncio, que o monarca quebrou, ao dizer à espôsa, num convencimento de suas culpas, quando ela só queria a paz:

—«Retirae-vos, senhora, para a vossa villa de Alemquer... Alli aguardareis as minhas ordens...»

E logo mandava ao oficial do erário não pagasse os réditos dos burgos e alcaidarias de que sua alteza era donatária, pois êsses bens iriam alimentar a guerra nas mãos traidoras do infante.

Golpeada pela injustiça, serena, nas pobres vestes, ela conservou nos lábios a sua expressão de doçura e, de olhos aguados, pa-

receu dizer a Deus bem saber Ele estar nos lares dos pobres e não entregue ao filho o depósito de seus tesouros.

Depois, obediente e calma, retirou-se, seguida pelas damas que a escoltavam com lágrimas nos olhos, vendo enxutos os da rainha, já esgotadas tôdas as fontes de seu pranto.

SEXTO QUADRO

AFASTAM-SE AS MÁGUAS E AS ÁGUAS

FIZERA-SE uma trégua, mas sentia-se que bem curta seria. O infante, como penhor de segurança, exigira a expulsão do bastardo para Castela.

A rainha, incorrendo nas iras do espôso, deixara Alemquer e entrara em Guimarães, a tratar das pazes. Quando estas se declararam o rebelde enviou ao pai o seu herdeiro, nado durante as desavenças, para que o conhecesse. Com o neto nos joelhos, D. Dinis, dispôs-se a esquecer. Reconheceu direitos ao sucessor do trôno, doou-lhe vilas e castelos, Coimbra e Montemór, com a fortaleza da Sé do Porto e perdoou, abraçando o alferes-mór D. Pedro, conde de Barcelos, que muito ajudara D. Isabel no intento. Afonso Sanches, repelido para Castela, levava a promessa de ser chamado, mal se pudessem arrancar os zêlos do ânimo do irrequieto irmão.

Êste jurava, em Pombal, cumprimento de obediência.

Em Leiria, no altar de S. Simão, prestou o soberano as garantias para o amnistiado.

Passaram menos de dois anos. Envolvera-se, a súbitas, em negridões e ciumes, o espírito de D. Afonso; via, de novo, o bastardo em Portugal; inflamava-se de iras, emquanto o monarca mandava ajustar as Côrtes em Lisboa. Convidou-o e aos seus parciais para a assembleia, mas, num ímpeto, aquêle recusou e só ao terminar a reunião é que se soube porque não acedera. Agora, que tinham saído da capital os ricos homens mais poderosos, com seus troços, êle avançava, porém, em ruins propósitos. Deteve-o el-rei; ordenou-lhe que se quedasse com os seus; retorquiu não saber o motivo de tal determinação e achegou-se ao Lumiar, onde assentou arraiais. Armaram-se, apressadamente, as régias hostes. À sombra dos balsões acampava uma luzida mesnada. Refulgiam ao sol as armaduras e as charamelas; os corséis de guerra, refreados pelos fortes guantes nas nervosas mãos dos cavaleiros, mal se continham, escarvando de impaciência, e a peonagem, os homens de lança, viroteiros e escudeiriços, algaravam de Alvalade para o campo do Infante, num desafio e num fundo rancor.

D. Dinis dissera ter de acabar, de vez, aquela constante rebelião da alma do filho, geradora das convulsões do reino. Defendia-lhe a passagem para a cidade; o combate ía travar-se; já tocavam os anafis e as trombetas e alçavam-se no campo da lide as quinas da realeza. Tambem no praso do revoltado iguais bandeiras tremulavam, como a dizerem ser rei o adversário cujas avançadas já vinham

em audaciosa provocação quási até às linhas estendidas na baixa do terreno [1].

Numa galopada partiu das bandas da tenda real um emissário, incumbido de recado decisivo. Era Alvaro Martins de Azevedo, cujo encargo consistia em dizer a D. Afonso ser vontade do soberano a sua retirada para Coimbra. Encheram-no de doestos os que o viram chegar; insultaram-no, pela embaixada, e, sem algumas palavras do chefe, teria caído às mãos dos féros parciais. Logo subiu o som das longas e tubas. Numa galgada, a cavalaria moveu-se para o encontro com as patrulhas do exército fiel. Escaramuçava-se; havia uma sêde de sangue em todas as gargantas; voavam como pedradas as injúrias, e os montantes nus, fusilando à frente das falanges, íam, emfim, encontrar aquêle inimigo sempre desvariado, eternamente fugitivo e servido pelo perdão.

—«A elles, que a vergonha é nossa!», gritou o rei, esporeando o seu corcel e querendo lançá-lo sôbre as hostes inimigas.

Elas, porém, recuavam, aquietavam-se.

Deixara de se ouvir o clangor guerreiro dos instrumentos para se fazer uma calada. No grande silêncio súbito escutava-se apenas um ou outro pipilar dos pássaros, voejando. D. Dinis estacou também; descobrira num pano do terreiro, passando entre os dois exér-

---

[1] Era no Campo Pequeno, no lugar onde existe hoje uma pedra que diz assim:

«Santa Izabel, rainha de Portugal, mandou collocar este padram neste logar em memoria da pasceficação que nelle fez entre seu marido el-rey D. Diniz e seu filho D. Affonso IV estando para se darem batalha na era de 1323.»

citos, um vulto de mulher, montada em dócil mulinha branca.

Os cavaleiros do infante desmontavam e abatiam as armas diante dela; enrolavam-se as bandeiras emquanto a viam passar, num modo grave, erguendo numa das mãos um ramo de oliveira. Era a rainha. Mandou ao seu encontro, num ímpeto; depois correu êle e apanhou-a, antes que ela ajoelhasse, turbada, ao exclamar:

— «Senhor, senhor! Não derrameis o sangue de nosso filho.»

— «É um rebelde... Quer tirar-me o reino e apoucar meus annos, limitar minha vida...»

— «Em obediencia se irá, meu senhor...»

E, desta vez, Isabel prostrou-se. O marido ergueu-a com lágrimas a aljofrarem-lhe as cãs e, para que o reino se aquietasse e a rainha não sofresse, sacrificou, mais uma vez, o bastardo Afonso Sanches, desligou de si Mem Rodrigues de Vasconcelos, que tam fiel lhe fôra em Guimarães, e sentiu fazer tudo aquilo pelo neto. Como a querer adivinhar-lhe o destino, ao tomá-lo, dias depois, comsigo, fixava-o muito bem; falava em o levar para a Alcáçova, em o educar a seu modo, e o príncipe em tudo consentia, vencido, menos pela bondade do pai do que pela certeza de jamais ter na sua frente o bastardo odiado.

Seria rei. Deitava contas ao tempo de seu poderio. Na hora em que se chamasse Afonso IV, os irmãos sentiriam o pêso de sua férrea manópla [1]. Não saberia perdoar. Até

[1] Mandou expulsar do reino à D. Afonso Sanches, tirando-lhe todos os meios e Fernão Sanches, tido por seu cúmplice nas revoltas que, imaginava êle, tramavam, foi degolado por ordem do novo soberano, seu irmão.

lá, tratava-se ter paciência e luzir-se diante dos seus como vencedor.

Houvera, ainda, tumultos entre êles e os de el-rei, mas logo se apagaram e o infante fôra com os soberanos comungar a S. Vicente de Fóra.

Alastrara uma vasta espectativa.

O povo aguardava que tivessem terminado tam duras e cruéis lutas.

Viajavam juntos os adversários da véspera.

Santarém viu a família real unida dentro de seus muros; a rainha aparecia em trajos de gala, já mal recordando os de penitente e, em devota procissão, se tinham dirigido para a beira do Tejo, onde jaz o corpo de Santa Iria, a mártir cristã.

Ela era linda e tam pura, que se dedicara a Deus como um lírio real, só dos altares digno.

Porém, perderam-se em suas graças os olhos dum apaixonado cavaleiro bárbaro, de nome Britaldo, que a roubou de seu convento, no qual a adormecera um mau monge, chamado frei Remígio. Prostrado em adoração diante da branca virgem, o ardente amante suplicou-lhe o dom de seu corpo no refúgio das margens do Nabão, vendo-a como sua prêsa, querendo de seus lábios consentidos beijos. Recusou-lhos; volveu para o céu seus olhos de doçura e pureza e quando os baixou reflectiram-se na lámina larga da machada de guerra, com que o cioso a ameaçava. Preferiu a morte. Em breve caía por terra degolada, tingida de inocente sangue a alvura de sua carne que as águas do rio arrastaram, lavando-a, até a deixarem diante da terra

que tomaria de seu santo nome o de Santarém.

Sabendo da crueldade de seu martírio, quizera o tio da infeliz certificar-se de sua morte, pois a diziam fugida nos braços do sedutor e não sepulta no fundo do rio. Ao chegar, com o povo de Nabancia, o bom abade Célio viu as águas afastarem-se como um pano azul e mimoso, a correr-se para mostrarem na superfície de suas areias auríferas o lugar da jazida.

E logo, ao quererem tomar o corpo, êle se chumbara ao sepulcro e as ondas se fecharam, num murmúrio rebelde.

Lá ficara no pélago do Tejo, numa lapinha de rochedos, acariciada nas vagas, coberta pelo lençol aquático, ora de oiro sob o sol, ora de prata sob a lua, de cristal e de púrpura às vezes, como se o sangue da santa se coalhasse na superfície do vasto rio.

Diante dessa extensão molhada, a rainha D. Isabel ajoelhara à frente do cortejo, pedindo a Deus que se servisse deixá-la contemplar o túmulo dado pelo céu à adorada, à nívea, à loira e pura Iria, degolada por guardar mais sua virgindade do que sua vida.

Abateram-se pendões e bandeiras; povo e sacerdotes, cavaleiros e donas prosternaram-se; subiram os cânticos no ruflo das azas alvas das gaivotas e, de repente, como na época recuada do grande milagre, a toalha enorme esgarçara-se, aparecera o areal doirado e a todos os olhares surgira a jazida alabastrina onde Iria repousava.

Tinham decorrido muitos séculos após a sua morte tormentosa e a rainha, erguendo-

-se, entrou a caminhar, tôda vestida no esplendor da luz que enchia o espaço, o rio, a vastidão.

A côrte olhava-a, num extase. Suas damas, D. Berengueira Ayres e D. Betaça, queriam seguí-la, mas detinham-se ante o passo de el-rei em direcção às pègadas da rainha, que tocavam o solo como sinais de graça.

Um rumor de ondas o deteve.

Lentamente as águas se íam cerrando e D. Dinis, maravilhado, ordenou que ali mesmo se fizesse um padrão, embora tôsco, para emquanto existir Portugal se saber onde jaz a mártir que mostrára sua branca jazida a tantos olhos deslumbrados, mas que junto dela só deixára chegar uma piedosa soberana.

De todos os lábios se soltou um fervoroso cântico solene e sagrado e, mais uma vez, o monarca ficou meditativo, num arrependimento de ter duvidado, alguma vez, da pureza das intenções daquela que já lhe parecia também santa.

Ela entrou a praticar mais caridades, em Santarém; edificava capelas, abria as casas de amparo para os engeitadinhos e não sossegava um só dia sem ter feito muito bem.

De quando em quando, envergava um burel de clarista, ensaùdava-se da cela que escolhera no convento de Coimbra junto a seus paços e o espôso já não sabia senão dizer-lhe palavras de súplica para que lhe perdoasse algumas de suas maldades de amores culpados, suas desconfianças àcêrca da cumplicidade com o filho e confessava-lhe ter sido ela a quebrantadora de suas cóleras, a

generosa medianeira de suas mercês, a irresistível causadora de seus perdões. E sorria, embevecido, a recordar o que já diziam dêle: «el-rei D. Diniz, fez tudo quanto quiz.»

Sómente não pudera resistir às súplicas duma santa, que era mãe e julgava o filho um anjo, quando êle era um terrível demónio.

SETIMO QUADRO

NA AGONIA DE EL-REI

EL-REI enfermara, menos pela sua derrota do que pelos trabalhos e canseiras dos últimos anos. Era um poeta que sofria muito das desilusões da alma. Viviam longe dêle os filhos mais amados. Notava'nos olhares de D. Afonso como que uma grande ansiedade de reinar e, saíndo de Lisboa molestado, só encontrara lenitivo ao sentir na sua fronte as mãos suaves da rainha.

Andava já nos lábios do povo a fama de seus feitos miraculosos. Tocando com seus dedos diáfanos as feridas dos pobres e de todos os que sofriam, êles encontravam alívios; tinha-se muita esperança na sua graça e sabendo-se como destribùía os seus rendimentos pelos desditosos, não podia jornadear sem descobrir pelas orlas das estradas alas de famintos, implorando pão.

Gastava menos comsigo, com sua casa e seus familiares, à medida que conhecia mais desgraçados e, sem as honras reais a que devia sacrificar-se, de há muito teria doado às igrejas e aos humildes os brocados, o oiro, o dinheiro, a prata, guardando apenas o burel,

cada vez mais querido, para viver amortalhada na cela do seu convento de Santa Clara, ao qual entregava, com as rendas, os cuidados e atenções, ambicionando vê-lo pronto e condigno do alto fim da piedade.

Alimentava-se menos do que uma avesita. Para si bastava-lhe um copo de água e uma fatia de pão, algumas hervas cosidas ou pequenas medidas de leite.

Acrescentava os jejuns desde o dia de S. João até ao da Senhora de Agosto e ajoelhava, durante largas horas, nas igrejas ou no seu oratório, como se depois de fazer tanto bem ainda se julgasse em dívida para com o céu.

Praticava as obras de misericórdia, dando todo o seu rédito aos pobres, comprando-lhes vestidos, chegando-lhes a água aos lábios febricitantes, lavando as gafas, beijando-as, dando-lhes, para cobrir as suas carnes pôdres, cùecas, pelotes e cerames, osculava-lhes os pés, e calçava-os para com menos dôres poderem palmilhar as estradas. Comungava a miude e não ocultava a seus confessores senão a bondade que espalhava.

Quando lhe mostravam algum pesar para que o oiro não seria bastante alívio, consolava-o com suas palavras inteligentes, ditadas pelo amor.

Casava as mancebas, doava terras aos trabalhadores, destribùia com sua pequenina mão tantas riquezas que ela parecia bem larga para tantas conter. Nos lugares onde os barrocais tornavam difíceis as passagens Isabel mandava fazer pontes e nos sítios em que a água era escassa, à sua custa ordenava pesquisas aos vèdores e, mal a encontravam, pagava a

construção de poços e fontinhas. Não havia convento seu desconhecido, mas para o de Santa Clara se despojava de tudo e quando ali entraram as primeiras monjas, quis serví-las no refeitório, ajudada pela nora, a também carinhosa Beatriz, espôsa do turbulento infante.

Sôbretudo enterneciam-na as criancinhas; procurava lenitivar-lhes todas as suas queixas, levava-as para casas próximas dos palácios e buscava remédios para os seus pais poderem agasalhá-las, visto ser a miséria que gerava aquêles bandos infantís correndo as ruas como matilhas esfaimadas e tontas.

A sua devoção ligava-se tão bem com seus actos, a sua fé era tão irmã da sua piedade que apenas havia a considerar a enorme beleza de seu viver, a aliança das frases com as obras, e, por isso, o povo, que é o único consagrador justo, já lhe chamava a santa rainha, antes que a igreja a titulasse de rainha santa.

Ali estava junto da liteira onde o marido ía sofrendo, aplicando suas doces mãos na cabeça turbada do poeta que fôra generoso e só tinha olhos, naquela tormenta derradeira, para a mulher que o céu lhe dera e à qual por vezes molestara, suspeitando-a, e traíra, amando outras.

Tinham chegado a Vila Nova da Rainha, dirigindo-se a Santarém mas fôram obrigados a deter-se uns dias, pelo avanço da enfermidade. Mandou-se chamar D. Afonso que demorava em Leiria; veiu, beijou a mão febril do rei; olhou a mãe que o servia «como a mais simples e diligente das mulheres que não tivera mulheres que a servissem» e saudou-a,

osculando-lhe respeitosamente seus dedos que tanto flùído de lenitivo punham em todas as dôres, e depois, tomando sôbre si o encargo de govêrno, há tanto apetecido, dissera não ser a vitória própria para a estadia dum rei e ordenara o transportassem, em fôfas andas, até Santarém. Era já como um préstito fúnebre ao longo dos caminhos. Aiava com as dôres e com as amarguras de sua existência que lhe acudiam céleres em revoadas de remorsos.

Não fôra mau, apenas leviano, algumas vezes excitado mas deixara uma larga sementeira de benefícios para seu povo, para o seu reino; porém, na hora do grande desfalecimento, já na alcáçova de Santarém, só via os males praticados e pediu o Santíssimo Sacramento. Pareceu animar-se, volveu-se para o herdeiro do trôno e suplicou-lhe que chamasse os irmãos, os bastardos. D. Isabel escutava-o, em acedência à sua vontade; D. Beatriz chorava ante aquela agonia lúcida, procurando a piedade nos olhos do marido. Apenas mandou buscar D. Pedro, o conde de Barcelos que fôra sempre seu parcial, embora de ânimo franco; veiu depois D. João Afonso.

Os outros andavam por Castela e nada tinham que fazer à beira do leito do pai que os amava.

D. Dinis devia compreender o ditâme do filho mas foi dizendo, com receio de lhe falecer a voz, todos os seus desígnios. Era como um testamento político em que recomendava os vassalos e a nação ao sucessor, hirto, de olhos acesos, em frases de sapiente experiência caídas de sua bôca com a evocação de Deus; e, no fim, ficara tão aliviado como se tivessem

sido suas razões medicamento salutar. Beijaram-lhe a mão; imaginaram que ía viver mais algum tempo. Foi apenas uma núvem rósea na treva do seu sofrimento. Voltou a receber os sacramentos e no seu ùltimo alento, tomando para si o infante, agarrando-lhe fortemente as mãos, fixando-o com suas pupílas rebrilhantes de febre e atormentadas de dúvidas, exclamou:

«Amado filho, eu morro e a pena que levo são os desgôstos que dei à rainha vossa mãe, sendo moço; peço-vos, pelos que me destes, e eu vos perdôo, que, em satisfação de todos, lhe façais muitos serviços e assim hajais a minha e a sua benção.» Traçou no ar um débil gesto e, voltando-se para a espôsa, pediu-lhe, com o olhar mais do que em voz, a imagem de Cristo pendente de seu peito. Já não a pôde levar aos lábios.

D. Isabel recolheu nos pés do divino martir o último sôpro de vida de seu espôso e rei e ajoelhou, soluçando, no rumor discreto da côrte que era admitida à câmara do monarca morto.

E sucedeu tal transe aos sete de janeiro de mil tresentos e vinte e nove.

Lentamente, ao cabo das suas orações, a rainha chamou as suas damas; saíu em passos leves, como se temesse acordar o soberano do seu sono eterno e, recolhendo-se à sua alcôva, pediu uma tesoura. Demorou-se um momento diante dum espelho. Em breve os seus cabelos, ainda côr de oiro, cairam-lhe aos pés, sacrificando-os, como a todas as vaidades de mulher que acaso pudessem apenas assomar na alma duma santa. Despiu os vestidos da magestade, sem pena; atirou-os com

suas lhamas e bordados para um canto do aposento e envergou, consoladamente, o hábito de Santa Clara que melhor condizia com os cilícios jàmais deixados de trazer, mesmo sob as reais pompas. Atou o alvo cordão, envolveu-se no grosseiro e negro pano de veu e voltou a ajoelhar diante do cadaver do marido.

Assim o acompanhou depois até Odivelas onde êle, outrora, determinara repousar. Ia entre bispos e outros prelados, com suas mitras de ouro, a humildade daquêle trajo de monja e era como se todos aquêles príncipes da Igreja acompanhassem já uma imagem. A côrte vestia-se de burel, que era o luto daquela época; ela revestira-se para sempre do trajo de monja. E, mal pôde sair de junto do túmulo do amado, quis despojar-se para sempre de suas galas. Ia a S. Tiago de Compostela, em jornadas, oferecer-lhe a corôa preciosa de oiro, aljofre e pedrarias; mandou fazer riquissimos pontificais, tomara comsigo valiosos vasos de prata e, em cortejo de piedade, tudo depôs no altar do patrono das Espanhas, do exterminador dos moiros, dos infiéis.

Regressou ao seu mosteiro de Santa Clara cujo fabrico quis acabado ràpidamente e, entre as devotas senhoras, Isabel, tomando as suas roupas mais finas, os linhos, as holandas, as rendas, os bordados, ficou a contemplá-los como aos trajos de damasco e oiro, púrpura e sêdas, e, logo, num doce gesto de renúncia, murmurou:

—Que se façam camisas para os pobres e adôrnos para os altares...

Contava demorar ali para sempre, viver

como uma freira, concluir a sua obra e ofertar a Deus o resto da sua vida que sempre lhe votara mas intervalada com o brilho dos luxos mundanais, caídos em sorte de seu nascimento.

E os mendigos vestiram finos panos e o Altíssimo teve suas aras revestidas dos despojos da sua majestade.

OITAVO QUADRO

A AUREOLA DUMA RAINHA

AO lado do convento, erguia-se um paço; porém, a rainha mais habitava o mosteiro do que as salas alcatifadas de sua morada. Entregara-se completamente a Deus. Já não se mostrava ao mundo. Um dia, invadida de escrúpulos de vestir um hábito ao qual não tinha direito, pois não professara, revelou desejos de se fazer monja no seu tam dileto convento. Participou tal desígnio a Frei Salvado, seu confessor e futuro bispo de Lamego, que a convenceu a conservar-se rainha, pois acrescentava ser assim mais útil à pobreza, do que metida na humildade e renunciando a seus castelos e alcaidarias. Escoava-se-lhe pelos dedos o dinheiro que usofruía; passava como um sôpro benéfico e ela, levando a vida em orações, sentia-se cada vez menos rica e parecia vêr aumentar as desditas, como se de coisa alguma valesse o oiro. Seu melhor tempo passava-o com as religiosas, levando existência em tudo igual à delas e ia enfraquecendo com os jejuns freqùentes, sentindo-se mais na graça de Deus. Quando houve uma grande escassês de

trigo e a fome uivou pelo reino quiz saber quanto trigo existia em seus celeiros. Louvou a prudência dos zeladores, que não tinham distribuido tanto quanto mandara antes daquela tormenta, pois grande falta agora faria para as desditas que turbavam a nação. Agradeceu ao Altíssimo o possuir ainda alguma coisa para dar e pôr em consolo dos pobres e até dos que na véspera eram remediados, os grandes depósitos reais. Suplicou ao filho que se despojasse também e à nora e ao conde de Barcelos, mas, ao escutarem-na, todos descontavam em sua caridade o que chamavam os exageros do bem-doar da rainha.

D. Afonso IV acabara de banir Afonso Sanches do reino, erguendo a voz em ameaças rancorosas e atirando-o para o exílio, após o sequestro de seus bens. Preparava-se para o justiçamento do que chamava seu cúmplice, o misterioso D. João Afonso.

Por todos êstes males, a sacrificada soberana sofria. Agora era entre os mecânicos que continuava sua existência, aguardando, cada vez mais ansiosamente, a conclusão dos trabalhos do mosteiro e paço. Volveu-se para obra de mais interêsse seu, o único que até aí demonstrara pessoalmente. Ordenara o lavrado de seu sepulcro: era êle uma pedra branca, inteira, de treze palmos de comprido, seis de largo e cinco de alto, todo cercado de imagens com seus livros abertos, como numa procissão. Iniciava o cortejo um bispo, em suas vestes; seguiam-no sacerdotes, de sobrepelizes e, diante dêles, erguiam-se Cristo e os dôze apóstolos, formando a esquerda da jazida, a cuja cabeceira o Redentor e sua Mãe

Santíssima velavam, com S. João Baptista, pelo repouso da que ali desejava ficar, para sempre adormecida. De sua pompa passada apenas guardava aquela cava e funda pedra, na qual se esculpiram as armas de Aragão. Aos pés do moimento destacava-se Santa Clara e duas rainhas com as corôas nas cabeças. Na tampa do sepulcro mandara pôr a sua figura revestida do hábito da ordem que tanto protegia e tendo sôbre o véu de religiosa o diadema, para demonstrar que, sendo rainha, ao céu se dedicara, formando assim exemplos e iniciações.

Assinalara, ainda, sua passagem na terra, marcando-a no jazigo com uma bôlsa e uma concha de Santiago. Dois anjos presidiam a esta moradia, onde uma soberana, com sua corôa cingida no cordão humilde da comunidade e tendo por scetro o bordão de romeira, queria ficar perpetuamente.

A idade deperecera-a. Ia nos sessenta e três anos, dedicados ao bem e à virtude. Não queria mais sair dali. Já tinha com sua vida traçado o próprio lugar de seu descanso e ia resando, fazendo esmolas, procurando propagar a virtude, quando lhe chegaram as novas de que o filho ia fazer a guerra a seu sobrinho de Castela, nascido de sua irmã D. Constança. Maltratava a rainha, sua mulher e prima; preferia-lhe a intrigante D. Leonor de Guzman; arremessava os seus despresos à face da filha da santa rainha e o rei de Portugal, em cóleras e desesperos, deliberara vingar tantas ofensas.

Alvoroçou-se o ânimo de D. Isabel; não se deteve nos propósitos que lhe acudiram e, largando de Coimbra para Extremoz nos seus

hábitos de religiosa, com o mais modesto dos séquitos, correu ao encontro dos beligerantes. Atravessou, mais uma vez, por entre exércitos em pé de guerra, viu os elmos e os montantes curvados à sua passagem e, ao topar o filho, só soube suplicar-lhe paz, como outrora fizera a seu favor nos campos de Alvalade.

Era já uma sombra vaga; diafanisara-se, à fôrça de penitências, e Afonso IV deliberara adiar os encontros, ao vê-la esmaecida, antes de desmaiada no agradecimento.

Recolheu ao leito num quarto do castelo de Extremoz. Assistiu-lhe piedosamente a nora, em consôlos e bondades. A rainha só falava em tréguas, só sabia aconselhar o filho a quebrar os impulsos de seu génio.

Naquela tarde de julho, numa quinta-feira, a quatro, quizera vestir-se; movera-se na alcôva, criara um pouco de alento; depois deitara-se de novo, envergada no seu hábito; pedira que dissessem missa no altar improvisado aos pés de sua cama e que a sacramentassem. Tornou a erguer-se, foi até ao sacerdote, ajoelhou contricta e comovida e, sentindo todo o consôlo da santa hóstia, ficou de olhos cerrados, murmurando suas orações. Sairam as damas; apenas ficara junto da rainha a espôsa de D. Afonso IV, D. Beatriz, a tomar-lhe docemente as mãos. A súbitas, a enfêrma preguntou, como saindo dum extase:

— «Filha senhora, dado logo por esta dona que aí vai.»

A rainha, admirada, preguntou:

— «Que dona é?»

E ela volveu no mesmo murmúrio, quási celeste:

— «Essa que aí vai de vestiduras brancas.»

Só ela tivera a visão duma Virgem Santa ou dum anjo atravessando a recâmara onde expirava, numa grande suavidade.

Os prelados aconselharam o rei a deixá-la no mosteiro de S. Francisco de Extremoz, pois receavam pelo cadaver em transporte de tanta lonjura, de trinta e duas léguas, até Coimbra sob o horrivel calor daquêle mês. Temiam pela putrefàção do corpo, imaginavam-no a desfazer-se em líquidos mal cheirosos, empestando os caminhos; mas D. Afonso IV, vigorosamente, ordenou se cumprisse a vontade de sua mãe cuja jazida estava em Santa Clara, a aguardá-la.

Envergaram-na em panos de linho, cobriram-na com côlcha fina, coseram-na num envoltório do mais grosso tecido ligado por uma corda alva e assim o lançaram no ataúde sôbre cuja tampa de coiro de boi estavam a bôlsa e o bordão que a rainha tomara por emblemas. Sob a cabeça puseram-lhe fôfa almofada de penas de cisne e assim, numa cobertura de damasco comum, em largo acompanhamento, começou a primeira das sete jornadas até ao mosteiro de Santa Clara. Nem o mais leve odôr se espalhava do corpo da morta. Todos a queriam vêr, atropelava-se a turba na entrada da igreja, e daí por diante os milagres começaram. Bastava tocar em seu túmulo, mexer num objecto que lhe tivesse pertencido, ajoelhar com fé ante a moradia escolhida.

O povo constatava os milagres sem conto. Isabel era santa em suas bôcas rudes e o culto da que tão nobre e digna fôra, da mulher de sacrifício e de uncção, espalhou-se, como que uma doce e benéfica orvalhada, por toda a

terra de Portugal. O solo da pátria perdera uma rainha esmoler. Deus ganhava mais uma santa para o céu.

Longo tempo decorreu para que em Roma a canonisassem [1]. Porém, chegou a hora de reconhecerem digna da auréola a que usara uma formosa corôa.

O Mondego avançara contra os muros do seu convento; parecia querer levar comsigo o túmulo da santa tantas vezes mirada em suas águas, como o Tejo guardava a jazida de Iria, e tornou-se necessário trasladá-la para o novo convento mandado edificar pelos régios descendentes da canonisada [2]. Fôra construído na crista do Monte da Esperança e para lá íam levar a fundadora do mosteiro.

Acorrêra a clèresia. As dignidades eclesiásticas, fidalgos e toda a côrte prostraram-se diante das pedras do sepulcro que o povo disputava. Já se tinha achado seu corpo incorrupto. Ao abrirem o túmulo todos se ajoelhavam. Ouviu-se o vozear das orações repetidas por vinte mil bôcas e, ao levantar-se a pedra a-fim de se depositar a santa no novo ataúde viu-se subir, na brisa doce, na aragem mansa, primeiro uma penasinha muito leve e branca; depois outra; por fim, uma nuvem

---

[1] Morreu a 4 de Junho de 1336. Beatificada a 15 de abril de 1516, por Leão X. Em 1566 foi permitida a sua imagem, estando Paulo IV no sólio pontifício. Em 1612 foi aberto o seu túmulo. Urbano VIII canonisou-a em 1625. Determinou-se a sua festa em 10 de Julho de 1716, tendo sido trasladada, reinando D. Pedro II, em 29 de Outubro de 1677.

[2] Ordenado por D. João IV em 1649 mas só em 1677 estava pronta, em virtude da escassês de dinheiro, motivada pelas guerras da Restauração.

imensa que ía pelos ares como o adejo duma revoada de anjos, a caminho do céu.

Aquelas plumas dos alvos cisnes de que se enchera a almofada sôbre a qual descansava a nobre cabeça de Isabel de Aragão e de Portugal voejavam no espaço e para elas se erguiam as mãos devotas, ambiciosas de as guardar, dos que enchiam o templo, como se orassem, num impulso, pelas muitas penas que na terra tivera a Rainha Santa Isabel.